



Parte I

BELA ADORMECIDA

Lembra-te de que as coisas mais belas do mundo são também as mais inúteis.

— John Ruskin, As pedras de Veneza, I





CRIMINOSA

Escolher a roupa era sempre a tarefa mais difícil da tarde.

O convite para a Mansão Valentino dizia semiformal. Era o tal do *semi* que criava dificuldades. Assim como uma noite sem festas, “semi” abria espaço para muitas possibilidades. Para os garotos já era complicado: aquilo podia significar paletó e gravata (a gravata opcional de acordo com o tipo de colarinho), terno branco e camisa social (somente em tardes de verão) ou ainda uma variedade de sobretudos, coletes, fraques, kilts e suéteres arrasadores. Para as mulheres, no entanto, a definição simplesmente englobava quase tudo, como costumava acontecer com as definições em Nova Perfeição.

Tally quase chegava a preferir as festas que exigiam traje de gala. Certo, as roupas eram menos confortáveis, e ninguém se divertia até que todos estivessem bêbados, mas pelo menos não se precisava pensar tanto só para escolher o que vestir.

— Semiformal, *semiformal* — repetia ela, observando a vastidão de seu armário aberto. O cabideiro tipo carrossel engasgava tentando acompanhar os cliques aleatórios dos seus olhos e fazia as roupas se sacudirem nos cabides. Sim, “semi” era definitivamente uma farsa. — Será que isso é uma palavra? — perguntou, em voz alta. — Semi?

A palavra causava uma sensação estranha em sua boca,



que estava seca devido à noite anterior.

— É apenas metade de uma — respondeu o quarto, provavelmente se achando muito inteligente.

— Não me diga — murmurou Tally.

Ela se jogou o corpo na cama e ficou olhando para o teto, com receio de que o quarto começasse a rodar a qualquer momento. Não parecia justo ter de se preocupar tanto por causa de meia palavra.

— Faça isso sumir — ordenou.

Sem entender direito, o quarto tratou de fechar as paredes que escondiam o guarda-roupa. Tally sequer tinha forças para explicar que estava falando da ressaca, instalada dentro de sua cabeça como um gato gordo, rabugento e manhoso, sem a menor vontade de se mexer.

Na noite anterior, ela e Peris tinham saído para patinar com outros Crims, pela primeira vez num novo rink situado sobre o Estádio Nefertiti. A camada de gelo, mantida no ar por uma estrutura de sustentadores, era tão fina que se conseguia ver o outro lado. A transparência era mantida por uma horda de pequenas máquinas de raspar gelo que passavam entre os patinadores como se fossem um bando de baratas-d'água nervosas. Os fogos de artifício que explodiam no estádio faziam a placa brilhar como uma espécie de vitral esquizoide mudando de cor de poucos em poucos segundos.

Todos eram obrigados a usar jaquetas de bungee jump, para o caso de atravessarem o gelo. Evidentemente, aquilo nunca havia acontecido, mas a mera possibilidade de ver seu mundo desaparecer de repente bastava para deixar Tally com vontade de tomar mais champanhe.

Zane, uma espécie de líder dos Crims, ficou entediado e





resolveu derramar uma garrafa inteira no gelo. Segundo ele, o álcool, por ter um ponto de congelamento menor que o da água, poderia acabar levando alguém lá para baixo, onde explodiam os fogos de artifício. Pena que o desperdício de champanhe não foi o bastante para poupar Tally da dor de cabeça na manhã seguinte.

Um toque especial no quarto anunciou que havia outro Crim ligando.

— Alô.

— Oi, Tally.

— Shay-la! — Tally se apoiou num cotovelo para se levantar. — Preciso de ajuda!

— Para a festa? Imaginei.

— Afinal, o que significa *semiformal*?

Shay deu uma risada antes de responder.

— Tally-wa, você é tão perdida. Não recebeu o ping?

— Que ping?

— O que mandei há *horas*.

Tally procurou seu anel de interface, que continuava na mesinha de cabeceira. Ela nunca o usava à noite — um hábito de quando era feia e saía escondida a toda hora. O anel estava lá, piscando, no modo silencioso.

— Ah. É que acabei de acordar.

— Pois é. Pode esquecer o lance de semi. Eles mudaram o estilo da festa. Temos de usar *fantasias*!

O relógio marcava alguns minutos antes das 17 horas.

— Como é que é? Faltando três horas para começar?

— É, eu sei. Também estou desorientada. É tão difícil. Posso descer aí? — perguntou Shay.

— Por favor.



— Em cinco minutos.

— Tudo bem. Traga o café da manhã. Tchau.

Tally deixou a cabeça cair de volta no travesseiro. A cama parecia tão instável quanto uma prancha. O dia mal tinha começado e já estava chegando ao fim.

Ela pôs o anel de interface e ouviu, inconformada, o aviso de que ninguém poderia entrar na festa sem uma fantasia realmente borbulhante. Três horas para achar algo respeitável. E os outros já haviam saído na frente.

Às vezes, Tally tinha a impressão de que ser uma criminosa *de verdade* era muito, muito mais fácil.

Shay chegou com o café da manhã: omelete de lagosta, torradas, pães, batatas, fritada de milho, uvas, bolinhos de chocolate e Bloodies — tanta comida que nem um eliminador de calorias daria conta. A bandeja sobrecarregada balançava no ar, com seus sustentadores tremendo tanto quanto uma criança no primeiro dia na escola.

— Ahn, Shay, nós vamos vestidas de gordas ou algo parecido?

— Não, mas pela voz você parecia abatida — disse a amiga, dando um risinho. — E precisa estar borbulhante hoje à noite. Todos os Crims vão aparecer para decidir sobre sua admissão.

— Que ótimo. Borbulhante. — Tally suspirou enquanto pegava um Bloody Mary na bandeja. Fez uma careta depois do primeiro gole. — Sempre falta sal.

— Vamos resolver isso — disse Shay, raspando um pouco do caviar que decorava a omelete e jogando na taça.

— Eca, que nojo!



— Qualquer coisa fica boa com caviar — comentou Shay. Ela pegou mais um pouco e levou à boca. Fechou os olhos para mastigar as minúsculas ovas de esturjão. Depois, com um giro no anel, pôs uma música para tocar.

Tally tomou outro gole de Bloody Mary, o que, pelo menos, fez o quarto parar de rodar. O cheiro dos muffins de chocolate era irresistível. Em seguida, atacaria a batata e a omelete. Talvez tentasse até o caviar. Era no café da manhã que Tally mais sentia vontade de compensar o tempo que tinha perdido na natureza quando fugiu. A comilança lhe dava uma sensação de estar no controle, como se um turbilhão de sabores da cidade pudesse apagar os meses de cozidos e EspagBol.

A música, um lançamento, deixou seu coração acelerado.

— Obrigada, Shay-la. Você me salvou.

— De nada, Tally-wa.

— Por onde andou ontem à noite, hein? — perguntou Tally. Shay respondeu apenas com um sorriso malicioso. — O que foi? Garoto novo? — Shay balançou a cabeça e piscou os olhos. — Não me diga que fez outra cirurgia. Caramba, você *fez*. Sabe que as operações são limitadas a uma por semana. Você é totalmente louca.

— Calma, Tally-wa. Foi só uma intervenção localizada.

— Onde?

Não havia nada de diferente no rosto de Shay. Talvez o resultado da cirurgia estivesse coberto pelo pijama.

— Olhe mais perto — disse Shay, voltando a piscar os olhos.

Tally se aproximou e examinou os olhos cor de cobre:



enormes, realçados por uma sombra, deslumbrantes. Seu coração se acelerou um pouco mais. Um mês depois de chegar a Nova Perfeição, Tally ainda ficava maravilhada com os olhos dos perfeitos. Eram grandes e receptivos, e seu brilho sugeria um interesse autêntico. As belas pupilas de Shay pareciam dizer: *Estou owindo. Você é fascinante*. Reduziam o mundo a Tally, o foco solitário da atenção de Shay.

A situação era mais estranha com Shay, a quem Tally havia conhecido nos tempos de feia, antes de a operação deixá-la daquele jeito.

— Mais perto — orientou Shay.

Com um suspiro, Tally se ajeitou e sentiu o quarto girar de novo, mas de um modo agradável. Ela acenou para as janelas ficarem um pouco mais translúcidas. Então, à luz do sol, notou o que havia de novo.

— Caramba, que lindo.

Mais ousados que os outros implantes, doze rubis circundavam cada pupila de Shay, reluzindo num tom vermelho suave que contrastava com o verde das íris.

— Borbulhante, hein?

— Muito. Mas espera um pouco... os de baixo, no lado esquerdo, são diferentes?

Tally observou atentamente: uma pedra em cada olho parecia tremeluzir, como se fosse uma vela minúscula nas profundezas de cobre.

— São 17 horas! — disse Shay. — Entendeu?

Foram necessários alguns segundos até que Tally se lembrasse do grande relógio da torre, no centro da cidade.

— Ahn, mas está marcando 19 horas. Para serem 17 horas, não devia estar no lado direito?



— Meus relógios correm no sentido anti-horário, bobinha. Senão, seriam muito sem graça.

Tally teve vontade de rir.

— Espera aí. Você está com pedras preciosas nos olhos? E elas marcam as horas? No sentido *anti-horário*? Não acha isso *meio* exagerado, Shay?

No mesmo instante, Tally se arrependeu do que disse. O rosto de Shay foi tomado por uma expressão trágica que capturou todo o esplendor do momento. A impressão era de que ela ia chorar, apesar de não estar de olhos inchados ou nariz vermelho. Uma cirurgia recém-feita era sempre um assunto delicado, quase tanto quanto um novo penteado.

— Você detestou — comentou Shay, baixinho.

— Claro que não. Eu disse que são lindos.

— Sério?

— Muito. E é *legal* que andem no sentido anti-horário.

Shay recuperou o sorriso, o que deixou Tally aliviada, porém ainda sem acreditar no erro que tinha cometido. Era típico de um perfeito novato, e ela já havia se passado um mês depois da operação. Por que continuava dizendo coisas falsas? Se soltasse um comentário daquele tipo à noite, poderia receber um voto contrário de algum dos Crims. Bastava um para que não fosse aceita.

E, então, estaria sozinha, quase como se voltasse a ser uma fugitiva.

— Talvez devêssemos ir de torres de relógio, em homenagem aos meus novos olhos — disse Shay.

Tally deu uma risada. Ela sabia que a piada sem graça significava que tinha sido perdoada. As duas, afinal, já haviam passado por muita coisa juntas.



— Falou com Peris e Fausto?

— Eles disseram que devíamos ir todos vestidos de criminosos. Parece que têm uma ideia, mas é segredo.

— Isso é tão fraude. Até parece que eles já foram meninos muito maus. Quando eram feios, não faziam nada além de fugir do alojamento e talvez atravessar o rio algumas vezes. Eles nunca chegaram à Fumaça.

A música acabou naquele exato instante, e a última palavra de Tally se destacou no silêncio repentino. Ela tentou pensar em algo para dizer, mas a conversa simplesmente acabou, como fogos de artifício se apagando no céu escuro. A música seguinte levou um bom tempo para começar. Quando finalmente aconteceu, Tally disse:

— Nos vestirmos de criminosas vai ser moleza, Shay-la. Somos as duas maiores criminosas da cidade.

Durante duas horas, Shay e Tally experimentaram as roupas que eram arremessadas de um buraco na parede. Embora tentassem pensar em bandidos, não sabiam realmente que aparência eles tinham. Nos antigos filmes do gênero a que assistiam no telão, os caras maus não se pareciam com criminosos, mas sim com retardados. Seria muito melhor irem de piratas. O problema era que Shay não queria botar um tapa-olho sobre seus rubis. Também consideraram aparecer de caçadoras, mas o buraco na parede tinha uma restrição a armas, ainda que fossem de mentirinha. Tally descartou os ditadores famosos das aulas de história: eram todos homens e não tinham estilo.

— Podíamos ir de Enferrujados! — sugeriu Shay. — Na escola, eles eram sempre um exemplo de caras maus.



— Acontece que eram bem parecidos com a gente. Fora o fato de serem feios.

— Sei lá, podemos derrubar árvores, queimar petróleo ou algo assim.

— Estamos falando de fantasias, Shay-la, não de estilos de vida.

Shay abriu os braços e deu outros exemplos, tentando soar borbulhante:

— E se fumássemos? Ou dirigíssemos carros de superfície?

O buraco na parede, contudo, não parecia disposto a fornecer cigarros ou carros.

De qualquer maneira, era divertido passar o tempo ao lado de Shay, experimentando fantasias, só para depois dar risadas e jogar tudo de volta no reciclador. Tally adorava se ver em roupas novas, ainda que idiotas. Uma parte sua se lembrava do passado, quando era doloroso se olhar no espelho e encarar os olhos vesgos, o nariz pequeno e o cabelo crespo. Agora, era como se houvesse uma modelo diante dela, imitando seus movimentos — uma mulher de rosto perfeitamente equilibrado, pele maravilhosa apesar da ressaca e corpo musculoso de proporções impecáveis. Uma pessoa cujos olhos prateados combinavam com qualquer coisa que vestisse.

Mas, ao mesmo tempo, uma pessoa com um gosto muito falso para fantasias.

Duas horas depois, elas estavam deitadas na cama, girando novamente.

— Tudo fica um lixo, Shay-la. Por que tudo fica um lixo? Nunca vão aceitar alguém que sequer consegue pensar numa fantasia decente.



Shay segurou a mão da amiga.

— Não se preocupe, Tally-wa. Você já é famosa. Não tem por que se preocupar.

— É fácil para você falar.

Embora as duas tivessem nascido no mesmo dia, Shay tinha se tornado perfeita várias semanas antes de Tally. Estava completando um mês como uma legítima Crim.

— Vai dar tudo certo — disse Shay. — Qualquer um familiarizado com a Divisão de Circunstâncias Especiais está destinado a ser um Crim.

Tally sentiu algo estranho, como um ping doloroso, ao ouvir as palavras de Shay.

— Talvez esteja certa. Mas odeio não ser borbulhante.

— A culpa é do Peris e do Fausto, que não querem contar o que vão vestir.

— Vamos esperar até eles chegarem. Aí copiamos o que estiverem usando — sugeriu Tally.

— É, eles merecem. Quer uma bebida?

— Acho que sim.

Como Tally ainda parecia muito tonta para fazer qualquer coisa, Shay mandou que a bandeja do café da manhã fosse buscar um champanhe.

Peris e Fausto apareceram, e em chamuscas.

Na verdade, não passavam de sinalizadores espalhados em seus cabelos e presos às suas roupas, o que dava a impressão de que havia algo pegando fogo. Fausto sentia cócegas e não parava de rir. Os dois usavam jaquetas de bungee jump: estavam fingendo que tinham acabado de pular do terraço de um prédio incendiado.





— Espetacular! — comentou Shay.
— Inacreditável — concordou Tally. — Mas o que isso tem de Crim?

— Não se lembra? — perguntou Peris. — Quando você entrou de penetra na festa, no verão, e fugiu roubando uma jaqueta e saltando do terraço? O maior truque de feio da história!

— Claro que me lembro... Mas por que vocês estão pegando fogo? Quero dizer, não é algo Crim, se realmente houver um incêndio.

O olhar de Shay indicava que Tally estava dizendo algo estúpido de novo.

— Não podíamos aparecer só de jaqueta — explicou Fausto. — Estar em chamas é muito mais borbulhante.

— É isso aí — disse Peris.

No entanto, Tally percebeu que ele havia entendido suas palavras e que agora estava chateado. Ela não deveria ter falado nada. Que idiota. As fantasias eram realmente borbulhantes.

Enquanto Peris e Fausto apagavam os sinalizadores, para que durassem até a festa, Shay pediu ao buraco na parede que arranjasse mais duas jaquetas.

— Ei, isso é plágio — protestou Fausto.

A reclamação, porém, se mostrou desnecessária. O buraco na parede não acatou o comando, porque alguém poderia se esquecer de que eram jaquetas de mentira e pular de um lugar alto e acabar espatifado. Também não podia produzir jaquetas autênticas; para objetos complicados ou permanentes, era preciso fazer o pedido à Requisição. E a Requisição nunca concordaria porque, afinal, não havia um incêndio.



— A mansão está sendo totalmente falsa hoje — reclamou Shay.

— Onde conseguiram as suas, hein? — perguntou Tally.

— São de verdade — disse Peris, apalpando sua jaqueta. — Roubamos do terraço.

— Ah, então elas são coisa de Crims — disse Tally, pulando da cama para lhe dar um abraço.

Perto do amigo, ela não achava mais que a festa seria uma porcaria ou que alguém votaria contra sua admissão. Com seus grandes olhos castanhos brilhando, Peris a levantou e apertou com força. Era a velha intimidade de volta, dos tempos de feios, quando os dois aprontavam e amadureciam juntos. Viver aquilo de novo era borbulhante.

Durante as semanas perdidas no mato, tudo que Tally havia desejado era voltar para o lado de Peris, num corpo de perfeita e em Nova Perfeição. Seria estupidez se sentir infeliz agora — ou em qualquer outro momento. Provavelmente não passava do efeito do champanhe.

— Amigos para sempre — sussurrou ela, enquanto Peris a botava no chão.

— Ei, o que é isso aqui? — perguntou Shay.

Ela estava enfiada no armário de Tally, em busca de ideias para a festa, e segurava um monte indefinível de lã.

— Ah, isso aí — disse Tally, soltando Peris. — É meu suéter da Fumaça, não se lembra?

O suéter parecia estranho, diferente do que guardava na memória. Estava amarrotado e as partes costuradas por mãos humanas se destacavam. Na Fumaça, as pessoas não dispunham de buracos na parede; tinham de produzir suas próprias coisas. E, aparentemente, não eram muito boas nisso.



— Não mandou para a reciclagem? — perguntou Shay.
— Não. Acho que é feito de um material exótico. O buraco não consegue aproveitar.

Shay levantou o suéter e o cheirou.

— Uau. Ainda tem o cheiro da Fumaça. Cheiro de fogueira e daquele cozido que comíamos todo dia, lembra?

Peris e Fausto se aproximaram para sentir o cheiro. Eles nunca haviam saído da cidade, a não ser nas excursões da escola às Ruínas de Ferrugem. Seguramente, não tinham chegado à Fumaça, onde todos precisavam trabalhar duro o dia inteiro, produzindo coisas e plantando (ou caçando) a própria comida. E onde todos permaneciam feios depois do décimo sexto aniversário. Às vezes, até a morte.

O fato era que a Fumaça não existia mais, graças a Tally e à Divisão de Circunstâncias Especiais.

— Já sei, Tally! Vamos de Enfumaçadas hoje à noite!

— Isso seria completamente criminoso! — disse Fausto.

Os três ficaram olhando para Tally, empolgados com a ideia. Apesar de sentir outra pontada, ela sabia que seria falso discordar. Também sabia que, com uma fantasia borbulhante como o legítimo suéter da Fumaça, não havia chance de votarem contra sua entrada no grupo. Tally Youngblood, afinal, era uma Crim de nascença.